



## A PROPOSTA CURATORIAL DA 8ª BIENAL DO MERCOSUL: ENSAIOS DE GEOPOÉTICA<sup>1</sup>

Ana Paula de Oliveira. UNIVILLE.  
Nadja de Carvalho Lamas. UNIVILLE.

**RESUMO:** O presente artigo refere-se ao estudo sobre o discurso curatorial, de José Roca na *8ª Bienal do Mercosul: Ensaios de Geopoética* pelo viés da análise de discurso de linha francesa de Michel Pêcheux. Em primeira instância é feita uma breve contextualização da Bienal do Mercosul, em seguida é identificado o curador José Roca, depois são analisados um-a-um, os principais pontos do discurso.

**Palavras chave:** Bienal do Mercosul, Discurso Curatorial, Geopoética

**ABSTRACT:** This article refers to the study of the curatorial discourse by José Roca at the *8<sup>th</sup> Mercosul Biennial: Essays in Geopoetics* from the perspective of the French discourse analysis of Michel Pecheux. In the first instance is made a little contextualization of the Mercosul Biennial, then the curator José Roca is identified, after that, the main points of the speech are analyzed one-by-one.

**Keywords:** Mercosul Biennial, Curatorial Discourse, Geopoetics.

### 1. INTRODUÇÃO

O presente artigo analisa o texto curatorial da *8ª Bienal do Mercosul: Ensaios de Geopoética*, no viés da teoria da Análise do Discurso de Michel Pêcheux. A Análise de Discurso tem como objetivo compreender como o discurso funciona, suas falhas ou contradições, retirando dele próprio os elementos para analisá-lo. Levam-se em consideração suas condições de produção, tais como a história e a posição social do sujeito que concebeu o discurso, o tempo histórico no qual este foi escrito, a formação linguística e como o analista entende o tema analisado e suas possíveis ligações com outros discursos.

Nesta perspectiva levaremos em consideração para a análise de discurso curatorial da referida amostra os seguintes fatores: o que é a referida amostra? Quem é José Roca curador geral desta bienal? O que na visão do curador é a geopoética? E o que significa esta expressão?

## **2. A BIENAL DO MERCOSUL**

A Bienal do Mercosul é a segunda maior exposição de arte contemporânea do Brasil, e uma das maiores da América Latina, sua sede é a cidade de Porto Alegre no Rio Grande do Sul. Junto a ela ocorre um grande número de eventos relacionados a arte latino americana.

A primeira Bienal do Mercosul ocorreu em 1997, no início de uma crise financeira na Ásia que atingiu o bloco econômico do Mercosul. No Brasil havia uma empolgação referente ao Plano Real, de forma que esta bienal foi financiada inteiramente por recursos públicos e privados do país, o que de certa forma evidencia a força econômica do Brasil naquele momento e “tenta reescrever a História da Arte Latino Americana sobre a perspectiva da região” (MOTTA, 2007 p.32).

A referida exposição tenta aproximar a arte e a cultura às milhares de pessoas que visitam e residem Porto Alegre, na ocasião de seu acontecimento. Nesta perspectiva a Bienal do Mercosul é uma exposição de arte contemporânea que além de dar visibilidade a arte latina para o mundo, ressalta a ideia de integração entre a cidade onde é realizada, com o Brasil e a América Latina, dando uma noção de coletividade, presente não apenas no bloco econômico que leva o mesmo nome, mas também na criação e divulgação da arte e da cultura (MOTTA, 2007).

Porém, hoje em dia esta mostra extrapolou as próprias fronteiras pré-estabelecidas por seu nome e foi além de seus limites, territoriais e políticos, pois nesta 8ª edição o curador geral José Roca, ao explorar o conceito de geopoética, amplia essas noções.

### 3. JOSÉ ROCA.

José Roca é colombiano, nasceu em 1962 na cidade de Barranquilla, hoje vive e trabalha entre Bogotá na Colômbia e a Filadélfia nos Estados Unidos da América, onde trabalha como diretor artístico da *Philagrafika2010: The Graphic Unconscious*. É arquiteto de formação e mestre em Design e Gestão de Edificação Culturais pelo École d'Architecture Paris- Villemin.

Foi diretor do programa artístico do Banco de La Republica, em 2004. Foi curador da *I Trienal Poli/gráfica em San Juan e Botánica Política* realizada na Espanha, em 2006, da *27ª Bienal de São Paulo*, no ano de 2007, do *Encuentro de Medellín MDE07*, da mostra *Cart[a]jena* e Júri da *52ª Bienal de Veneza*. Em 2008, entre suas curadorias constam ainda, *Outras Floras*, na Galeria Nara Roesler, em São Paulo, em 2011; *Mil e Um Dias e Outros Enigmas*, da artista Regina Silveira na Fundação Iberê Camargo, em Porto Alegre; exposição *Muntadas: informação»espaço»controle*, na Pinacoteca do Estado de São Paulo, ambas no Brasil.

### 4. ENSAIOS DE GEOPOÉTICA.

Ensaio de Geopoética foi o primeiro texto curatorial de José Roca, presente no catálogo da mostra a ser analisado. Nele o autor estabelece três itens para falar sobre a bienal e a geopoética, são eles: I Antecedentes, II Conceito Geral, III Estrutura. Nestes itens aborda os fatores que levaram a escolha do tema, estes fatores envolvem, seu papel como curador, seu trabalho e moradia entre duas cidades distintas, a história da Bienal do Mercosul e seu papel na divulgação da arte latino americana.

#### 4.1: I ANTECEDENTES

O autor faz uma breve introdução sobre a Bienal do Mercosul, falando sobre o papel ou propósito da bienal que, do seu ponto de vista, é inserir na cena cultural brasileira a cidade de Porto Alegre e por consequência o sul do país, podemos verificar isso na seguinte frase,

[...] a Bienal do Mercosul cumpriu com os propósitos de se inserir no circuito internacional de bienais, situar Porto Alegre no mapa cultural das Américas e propor um vértice para conformar um triângulo cultural com o que no Brasil, era até então, o eixo de tensão Rio-São Paulo. (ROCA, 2011, p.11)

Outro ponto que chama atenção é sua vocação social e educativa em levar a todas as pessoas que moram, ou visitam a cidade de Porto Alegre, as ações que são partes importante da Bienal do Mercosul e não ficaram de fora de seu projeto curatorial.

José Roca em sua curadoria nos dá pistas sobre como vê a geopoética e como pretende expor este conceito, ao dizer que:

Uma vez conquistado esse posicionamento internacional, é o momento propício para intensificar a relação com o meio local, particularmente com a cena artística brasileira, a da região e a de Porto Alegre. Essa é uma das intenções centrais da proposta curatoriais da 8ª Bienal do Mercosul. (ROCA, 2011, p.11)

É dessas relações artísticas com o meio que se constroem a geopoética falada pelo curador? Esta é uma pergunta a ser respondida mais a frente, pois nesta parte de seu texto o que o curador nos oferece são apenas prévias do que está por vir como o próprio título sugere.

José Roca fala também das duas tendências que um projeto curatorial tende a seguir, uma delas seria a diferenciação total das amostras precedentes a “criação a partir do vazio” (ROCA, 2012, p.11), a outra tendência seria um tema inédito que seria usado como filtro para escolher as produções artísticas, ele considera as duas atitudes improdutivas no sentido estrutural, pois, elas vêm à produtividade criativa partir do ponto zero o que certamente não responderia a uma necessidade local.

Ele vê a criação cultural como o ato de rever experiências que deram certo, e que ao mesmo reverberam em novas ações, diz que neste sentido ele coloca a possibilidade da curadoria como colagem, essa por sua vez é feita por juntar elementos distintos formando então um objeto inédito, no caso em questão forma um novo conceito curatorial a partir do que já existe. Podemos ver estes pensamentos explicitados nos seguintes trechos do discurso:

De uma parte entendo a criação cultural no âmbito da cultura como um processo de revisão que conta com experiências anteriores que

julgo bem sucedidas (tanto de minha autoria como formuladas por outros) e que são suscetíveis a reformulações ou adaptações a novas situações. Neste sentido, coloco a possibilidade da exposição como *readymade retificado*, e a cultura como colagem. (ROCA, 2011, p.11)

Ao fazer este discurso curatorial, José Roca refere-se a sua posição de curador em primeiro lugar, e em segundo lugar de sua posição de morador de duas cidades distintas separadas geográfica e culturalmente, portanto fala do “entre”, estes lugares do qual fala é sua posição, sua formação discursiva, segundo Orlandi (2010, p.43) “a formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode ser dito”. Portanto ao falar da criação deste conceito curatorial, ele lida não só com suas experiências anteriores como tal, mas como alguém que vive uma experiência geopoética em relação a dois lugares distintos, pois vive no “entre”, esta experiência reflete em suas relações com as pessoas e lugares onde passa.

Pensa em um modelo de bienal que se adeque ao lugar em que é realizada e que agite a cultura local, para isso ele vê que a identificação com o público local é a base orientadora de seu projeto, conforme suas palavras,

Em meu próprio trabalho como curador venho tentando repensar o modelo de bienal, para que possa ser adaptado às condições locais e que seja mais efetivo em ativar a cena do lugar em que se realize. Neste sentido, a identificação do público ao qual é dirigida uma bienal deve ser a base que orienta a formulação do projeto. (ROCA, 2011, p.11)

Segundo José Roca a bienal tem uma contribuição específica, ela deve, apesar de curta duração, ativar ou animar a cena local não só no período de exposição ele diz assim “[...] uma bienal deve contribuir para uma infraestrutura cultural local, propondo formas de permanecer como um ativador da cena local nos períodos em que não há evento.” (ROCA, 2011, p.12), para tanto o curador deve, propor ações que estimulem uma continuidade fora do período de exposição,

A intenção desta proposta é imbricar-se profundamente no tecido social e artístico de Porto Alegre e região para construir um projeto que gere um profundo sentimento de pertencimento, sem menosprezar a qualidade artística nem renunciar a um olhar cosmopolita que ultrapasse as fronteiras do Brasil e do subcontinente e que consolide uma presença permanente e contínua, na cena artística da cidade, uma vez terminada a bienal. (ROCA, 2011, p.12)

Neste trecho se nota que o autor já demonstra uma das características do seu conceito de geopoética. Segundo Leonardo Cardoso Nerefuh em seu relato crítico da fala de Mark Nash (informação verbal)<sup>2</sup> “o termo geopoética é uma linha de pensamento que emerge de um espaço-tempo específicos, e trata de pensar a prática (artística) num tempo e local específicos e, ao mesmo, tempo conectá-la com uma rede global”, neste viés de pensamento a geopoética lida não só com as questões preestabelecidas pelas noções de territórios geográficos e políticos, mas também com os “não lugares” e questões que vão além dessas fronteiras.

Vemos neste trecho mencionado o principal conceito da geopoética escondido nesta frase, que é a psicogeografia, que são os sentimentos ou o que sentimos em relação aos espaços que ocupamos, é “a ação direta da geografia sobre a emoção e o comportamento do indivíduo” (WENDT, p.187, 2012). Porém este conceito vai além das delimitações territoriais da cidade, do país ou do continente americano, mas, mesmo assim não perde o foco de ativação da cena local cultural e artística.

Uma das contribuições específicas de uma bienal, segundo José Roca, é que esta deve, apesar de curta, ativar a cena local também fora do período de exposição “uma bienal deve contribuir para criar uma infraestrutura cultural local, propondo formas de permanecer como um ativador importante da cena local nos períodos em que não há evento” (ROCA, 2011, p.12), porém o autor não deixa claro quais são as estratégias e as ações que deverão permanecer e nem por quanto tempo. Embora enfatize que

A proposta partiu das seguintes premissas:

- considerar como receptor principal o público local não especializado, incluindo o público estudantil;
- envolver em maior proporção os artistas locais, da cidade e região;
- consolidar o perfil internacional já alcançado, indo além do núcleo imediato dos países vizinhos;
- apresentar o Projeto Pedagógico como um componente intrínseco ao projeto, e não como paralelo derivado dele;
- considerar o tema escolhido também poderia ser uma estratégia de ação cultural;
- entender a bienal como uma instância de criação de infraestrutura.(ROCA, 2011, p.12)

Aqui vemos que o curador mostra preocupações com “a cena local” e com os princípios da Bienal do Mercosul, no que diz respeito ao viés educacional da bienal.

Podemos ver aqui no item I Antecedente, que a história e a ideologia da referida amostra não foram deixada de lado pelo curador desta 8ª edição, nem poderia, pois conforme Eni P. Orlandi,

na realidade, embora se realizem em nós, os sentidos apenas se representam como originando-se em nós: eles são determinados pela maneira como nos inscrevemos na língua e na história e é por isto que significam e não pela nossa vontade. (ORLANDI, p.35, 2010).

A exposição não se desvincula de sua história, nem das ideologias, pois a partir delas nos significamos, assim como para a composição deste discurso curatorial, se fosse deixada de lado a história da Bienal ela não significaria ou faria sentido.

#### **4.2: II CONCEITO GERAL**

José Roca fala do papel da Bienal do Mercosul em circulação com a arte latino americana, pois segundo o autor, é mais eficaz, do que o Mercosul no sentido da circulação de mercadoria, podemos notar esta fala na seguinte frase, “ironicamente, a Bienal tem sido mais efetiva em assegurar a circulação de artistas, obras e discurso do que o próprio Mercosul em realizar a livre troca de bens e capital” (ROCA, 2011, p.12). Na sua perspectiva

Historicamente, a ênfase da Bienal não era a ativação da cena local, ao menos não em termos de participação de artistas locais. Isso tudo orienta esta proposta: 8ª Bienal do Mercosul está inspirada nas tensões entre territórios locais e transnacionais, entre construções políticas e circunstâncias geográficas, nas rotas de circulação de intercâmbio de capital simbólico. Esses argumentos serão articulados na forma de estratégias de ativação, e não apenas eixos temáticos. (ROCA, 2011, p.12)

Seu conceito é enfatizado mais uma vez no trecho acima, pois a geopoética lida com as questões territoriais, políticas também, o autor nos mostra aqui uma falha, não do discurso, mas da Bienal do Mercosul, que até então, segundo ele, não previa ou promovia a participação de artistas locais, fato que não contribuía para o crescimento artístico local, Roca coloca que

O título Ensaio de Geopoética faz alusão ao seguinte:  
- às diferentes formas com que as noções de localidade, território, mapeamento e fronteira são abordados pelos artistas contemporâneos;

- ao Mercosul como construção geopolítica, e outras organizações supranacionais e regionais;
- à cidade de Porto Alegre como lugar a ser descoberto e ativado por meio da arte. (ROCA, 2011, p.12)

Estas alusões, as quais o título nos leva, são entendidas como parte do conceito curatorial da referida amostra, pois norteiam a proposta a todo o momento, já que a geopoética lida com as noções territoriais e políticas de várias formas artísticas, o próprio nome da bienal nos remete a um território em específico, da América Latina, que é visto com olhares de indiferença, por alguns, que não são daqui e que não o conhecem. Vê também Porto Alegre como um novo/velho território a ser representado por artistas e redescoberto por seus moradores como espaço cultural e artístico.

#### 4.3: III ESTRUTURA

Este item tem duas ênfases estratégicas a expositiva e a ativadora, segundo o curador. Na expositiva a ênfase fica na obra e nas suas relações com o tema e com outras obras, e na ênfase ativadora fica a relação entre artista e público. Para ele

Um dos projeto-chaves da 8ª Bienal do Mercosul é a criação da Casa M, um espaço de encontro para a comunidade artística local, pessoas interessadas em cultura, professores e estudantes de artes e áreas afins. A proposta parte do desejo de criar uma comunidade temporária em torno da mostra, promovendo a reflexão e o diálogo e favorecendo o intercâmbio e a criação de redes. Ao final de 8ª Bienal, a Casa M permanecerá aberta por sete meses, oferecendo a comunidade programação de residências curatoriais, pequenas exposições, encontros, oficinas e outras atividades. (ROCA, 2011, p.13)

A proposta da Casa M foi uma das ações ativadoras da cena local que repercutiria no período pós bienal, entretanto esta foi de curta duração o que não parece alcançar a proposta do curador, no seu discurso o autor não propôs uma ação que durasse o tempo suficiente para ativar a cena local durante o período que não haveria exposição.

O Projeto Pedagógico poderia ser a ação permanente que ativaria a cena local após o período de exposição, pois

O Projeto Pedagógico da 8ª Bienal do Mercosul contempla atividades de formação para professores, um curso de formação de



mediadores, oficinas, conferências, seminários, publicações destinadas a diversos públicos e, especialmente, a programação da Casa M. Visitas guiadas, programas, transporte gratuito para escolas públicas e atividades diferenciadas serão oferecidas ao público visitante durante o período da mostra. (ROCA, 2011, p.13)

A Bienal do Mercosul apesar de ser realizada na cidade de Porto Alegre, tem se expandido pelo território do Rio Grande do Sul com ações que levam artistas ao interior do estados, tais ações foram feitas nas últimas duas edições do evento em 2009 e 2011, outro ponto de expansão e o convite de artistas de fora do continente Latino Americano para participar da referida amostra, estes novos aspectos da referida bienal a colocam também como espaço de interpretação poética. Isso não quer dizer que o sujeito seja dissimulado, na composição de seu discurso ou nos diferentes lugares em que vivem, ou que a referida bienal seja uma amostra ambígua, pois,

se levarmos em conta, como na Análise de Discurso, a ideologia, somos capazes de apreender, de forma crítica, a ilusão que está na base do estatuto primitivo da literalidade: o fato de que ele é produto histórico, efeito de discurso que sofre as determinações dos modos de assujeitamento das diferentes formas-sujeito na sua historicidade e em relação às diferentes formas de poder.(ORLANDI, p.52, 2010).

São diferentes porque, são sujeitos a situações diferentes, e a noção de liberdade ou o grau de liberdade que o sujeito considera ter ou ser interfere em seu discurso, e ele se sente mais ou menos livre a dizer, o no caso da bienal a ser, dependendo do espaço/tempo onde está.

Vemos ao longo do discurso que o autor tem a preocupação de fazer com que a Bienal crie um “ativador da cena cultural local nos períodos em que não há evento”, aqui vemos a falha em seu discurso, nenhuma das ações propostas tem uma duração ou efeito longo o suficiente para preencher a lacuna deixada pela bienal.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O discurso inicial da curadoria da 8ª Bienal do Mercosul: Ensaio de Geopoética, tem como principal objetivo introduzir o leitor no mundo da referida amostra, sendo na maioria das vezes explicativo e conciso. Vemos no seu autor o curador José Roca à preocupação constante de seguir os princípios da Bienal e

fazer dela um ativador permanente da cena cultural e artística local, mesmo em períodos em que não há amostra, ele tenta propor ações em que isso efetivamente aconteça, porém a curta duração das mesmas não garantem seus resultados. Aí vemos a falta de uma ação permanente de ativação da cena local no período em que não há bienal, no entanto o que foi dito em seu discurso, pode não ter se realizado exatamente como o proposto.

Já no que diz respeito ao expor seus conceitos sobre geopoética e os aproximar com a cidade de Porto Alegre, pode-se perceber que ele obteve êxito, pois as ações propostas fariam com que o público interagisse com a cidade, e levariam artistas ao interior do estado para que eles interagissem com as cidades escolhidas.

## NOTAS

---

<sup>1</sup> O texto decorre da pesquisa *Análise dos Discursos Curatoriais da 7ª e 8ª Bienais do Mercosul*, parte da pesquisa maior: *Discurso Curatorial e as possíveis influências sobre a produção artística emergente de Joinville e Florianópolis – ARTEME*, financiada pelo art. 171 da lei complementar nº407 do Governo do Estado de Santa Catarina.

<sup>2</sup> Geopoéticas e Geopoéticas, relato crítico por Leandro Cardoso Nerefuh, Relato da fala de Mark Nash em exposição de Isaac Julien, SESC Pompéia/VideoBrasil do Seminário Internacional Isaac Julien de 20 de Outubro de 2012. disponível em <[http://www.forumpermanente.org/event\\_pres/exposicoes/isaac-julien/relatos/geopoeticas-e-geopoeticas](http://www.forumpermanente.org/event_pres/exposicoes/isaac-julien/relatos/geopoeticas-e-geopoeticas)>. Acesso em 20 de abril de 2013

## REFERÊNCIAS

Catálogo: **8ª Bienal do Mercosul**: ensaios de geopoética. Edição trilingue. Porto Alegre; Fundação Bienal do Mercosul, 2011. 291 p. 26 cm. [coordenação Alexandre Dias Ramos, curador geral José Roca, colaboração de Alexia Tala, Aracy Amaral, Cauê Alves, Fernanda Albuquerque, Pablo Helguera, Paola Santoscoy].

MOTTA, Gabriela. **Entre Olhares e Leituras**: Uma Abordagem da Bienal do Mercosul. 1 ed. Porto Alegre; Zouk, 2007, 287 p. 23 cm.

NEREFUH, Leandro Cardoso. **Geopoéticas e Geopoéticas. relato da fala de Mark Nash em exposição de Isaac Julien**, SESC Pompéia, In: Seminário Internacional Isaac Julien de 20 de Outubro de 2012. São Paulo **Anais eletrônicos** disponível em <[http://www.forumpermanente.org/event\\_pres/exposicoes/isaac-julien/relatos/geopoeticas-e-geopoeticas](http://www.forumpermanente.org/event_pres/exposicoes/isaac-julien/relatos/geopoeticas-e-geopoeticas)>. Acesso em 20 de abril de 2013

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso, Princípios e Procedimentos**. 9 ed. Campinas; Pontes, 2010, 100 p. 21cm.

PÊCHEUX, Michel. **O Discurso**: Estrutura ou Acontecimento. Trad. Eni P. Orlandi. 5 ed, Campinas; Pontes, 2008, 68 p. 18 cm.

---

WENDT, Kelly. De olhos cerrados: uma experiência poética da cidade In **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v.2, n.6, Jan / Jun. 2012

Site: [www.bienalmercosul.art.br](http://www.bienalmercosul.art.br)

**Ana Paula de Oliveira.** Acadêmica e pesquisadora do quarto ano de Artes Visuais da Universidade da Região de Joinville-UNIVILLE, bolsista pelo artigo 171 do Governo do Estado de Santa Catarina. Apresentou resumos em forma de pôster nas seguintes instituições: Universidade da Região de Joinville-UNIVILLE, Universidade do Sul de Santa Catarina-UNISUL, Universidade Federal de Ouro Preto-UFOP.

**Nadja de Carvalho Lamas.** Doutora em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFGS); fez doutorado sanduíche pela Université Paris 1Panthéon-Sorbonne; professora do curso de Artes Visuais e do Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville (Univille); pesquisadora na área de Artes, com ênfase em História, Teoria e Crítica de Arte.